



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

GIULIANA RODRIGUES ALVES JUBILUT

DE CHÁCARA À PARQUE:
ECO-ARQUEOLOGIA NO PARQUE DO PIQUERI

LARANJEIRAS
2018

GIULIANA RODRIGUES ALVES JUBILUT

DE CHÁCARA À PARQUE:
ECO-ARQUEOLOGIA NO PARQUE DO PIQUERI

Trabalho de Conclusão de Curso sob a forma de artigo científico para a publicação na *Habitus – Revista do Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia*, da PUC-GO, apresentado ao Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arqueologia, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Domingues Duran.

LARANJEIRAS
2018

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, às cinco mulheres da minha vida, Lilly (*in memoriam*), Laura, Claudia, Flávia e Thaís por serem meus exemplos de força, felicidade, união e de amor incondicional, sem vocês eu não existo, amo vocês! A meu pai (*in memoriam*), que sempre acreditou em mim e me incentivou a ser um ser humano melhor, amo muito você. À tia Cida por todo o carinho e apoio, amo você, Cidoca!

Ao meu orientador, Leandro, por toda a disponibilidade, parceria e paciência, muito, mas muito obrigada, sem você esse sonho não seria realizado!

Ao meu namorado e parceiro de todos os momentos, Breno, por toda a paciência, amor e incentivo nos dias difíceis, essa conquista tem grande parcela sua! Te amo.

Ao meu tio do coração, Gilson, por ter me acolhido em sua família, e por ter me mostrado que a arqueologia é sim encantadora! Muito obrigada!

E por fim, mas não menos importantes, aos meus amigos de jornada, Anthony, Thauan, Victor, Lycia, Eunice e Érika, que tornaram dias normais em inesquecíveis, e pelas incontáveis risadas, passeios, trabalhos e conversas! Vocês alegraram minha vida! Amo vocês!

DE CHÁCARA À PARQUE

Eco-arqueologia No Parque Do Piqueri*

GIULIANA RODRIGUES ALVES JUBILUT¹

Resumo: O objeto de pesquisa desse trabalho é o Parque do Piqueri, localizado em São Paulo, no bairro do Tatuapé. O parque outrora fora a “Chácara do Piqueri”, propriedade semi-rural adquirida pelo conde Francisco Matarazzo em 1927, e contemplava basicamente duas funções: a de chácara familiar e produtiva. Já o parque se torna um grande oásis verde e uma referência de bem estar e refúgio em meio ao concreto cotidiano. Assim, neste artigo, verso sobre as chácaras urbanas, e sua evolução junto à cidade de São Paulo, culminando no espaço atual de Parque, analisando sua situação contemporânea. Abordo ambos os espaços a partir de uma perspectiva da eco-arqueologia, propondo a interpretação dos dois momentos através de uma análise das estruturas vegetais (verdes), juntamente com outros elementos materiais, levando em consideração a relação desse espaço “verde” com o crescimento, desenvolvimento e as transformações da cidade e o avanço da urbanidade.

Palavras chaves: Arqueologia Urbana. Eco-arqueologia. Chácaras Urbanas.

Introdução

Em uma sociedade contemporânea e industrializada como São Paulo, é comum associarmos a ideia de parque a um espaço de bem estar, de natureza, de fuga à cidade e ao cinza que nos é exposto. O parque do Piqueri, localizado em São Paulo, no bairro do Tatuapé, às margens do Rio Tietê, representa, atualmente, esse papel de oásis em meio urbano, contrapondo-se ao espaço árido do concreto cotidiano. O parque outrora fora a “Chácara do Pequery”, propriedade semi rural adquirida em 1927 pelo conde Francisco Matarazzo, imigrante italiano que se tornou um dos maiores empresários do Brasil do século XX, e hoje é um importantíssimo nome do processo histórico de industrialização paulista e nacional.

¹ Graduanda da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: giuliana.jubilut26@gmail.com

Esses dois momentos (de Chácara e de Parque) nos apresentam “quadros” urbanos distintos, que demonstram concepções e materialidades diferentes da sociedade paulistana no que se refere aos valores sociais atribuídos aos espaços verdes no âmbito dos núcleos urbanos brasileiros, ao longo do século XX. Nesse sentido, tanto a “Chácara”, quanto o “Parque do Piqueri” precisam ser entendidos como expressões de duas culturas urbanas diferentes, senhoras do que poderíamos chamar de distintos “*ethos*”² sociais que se expressaram materialmente através do que denominamos de uma “arquitetura do verde”. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é fazer uma eco-arqueologia dessa porção do território urbano de São Paulo, tomado a partir de uma abordagem comparativa entre dois momentos cronológicos distintos.

Pressupostos Teórico-Methodológicos

Em termos teóricos, a arqueologia urbana tratada especialmente por Stasky (1982) toma um papel crucial na abordagem desse espaço, visto que essa subdisciplina “includes all research by archaeologists in and about cities.” (STASKY, 1982, p.546). Em se tratando de uma parcela do espaço urbano de São Paulo, uma das maiores cidades da América Latina, a abordagem de uma arqueologia urbana se torna indispensável para essa pesquisa. Por muitas décadas houve o debate no meio da arqueologia urbana, entre os pesquisadores que defendiam uma arqueologia das cidades versus aqueles que acreditavam em uma arqueologia nas cidades. (STASKY, 1982). A diferença entre as duas abordagens é que uma arqueologia na cidade a trataria como “[...] distinctive environments [...] requiring the application of a specific set of methods, regardless of what materials are being sought and what research is being pursued” (STASKY, 1982, p.546), e uma arqueologia das cidades trataria as cidades “[...] as both environment and the subject of study” (STASKY, 1982, p.546).

Podemos dizer que nessa pesquisa ambas as abordagens foram utilizadas. O conceito de uma arqueologia das cidades é aplicado, visto que ao mesmo tempo em que a tratamos como objeto de estudo, ela também se configura como um ambiente e espaço palco dessa pesquisa.

² *Ethos* é o [...] “conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, idéias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região” [...] (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p.1271).

Em relação à arqueologia nas cidades, tal abordagem refletiu no quesito da metodologia aplicada, assim como o controle do público, ao processo de divulgação de informações referentes à pesquisa, a atenção à segurança, e a questão da análise apenas da cota positiva (STASKY, 1982).

Pela amplitude do espaço e por ter muitas áreas de densa concentração vegetal, a segurança do Parque não tem o número efetivo de funcionários necessários para a garantia de bem estar de todos os usuários do espaço. Muitas vezes por questão de segurança a fim de evitar assaltos, por exemplo, mudamos a rota dos percursos, especialmente em áreas mais isoladas do Parque. Essa sensação de falta de segurança implicou na metodologia do trabalho, visto que influenciou na etapa de campo, fazendo com que alterássemos o que estava previsto em termos de prospecção.

Esses desafios encarados pelos arqueólogos urbanos, especificamente em São Paulo são comentados por Souza, onde:

As pesquisas arqueológicas em São Paulo e na enorme conurbação da qual fazem parte as cidades da região metropolitana, sempre enfrentaram as especificidade do campo, como o tempo inconstante e o trânsito; a profundidade das escavações; o grande volume de materiais; os custos e as complicações metodológicas; o acesso aos sítios; a visibilidade do trabalho; onde e como transportar e armazenar o material arqueológico e um dia a dia no qual as interações sociais são intensas. Termos como "sítio arqueológico" são de difícil aplicação para quem lida com as áreas urbanas. Isto porque os limites de um "sítio" na cidade geralmente são aqueles moldados pelo que se vê no momento do estudo, tais como muros, ruas e demais elementos resultantes dos processos de construção posteriores ao início de determinada ocupação [...] (SOUZA, 2014, p. 26).

Apesar dessa perspectiva de arqueologia nas cidades ser válida, a abordagem de uma arqueologia das cidades é a prioritária dessa pesquisa, pois estamos lidando com um ambiente urbano e seu desenvolvimento.

A arqueologia da paisagem, abordagem inclusa nesse trabalho, analisa “as relações interdependentes e dinâmicas que as pessoas mantêm com as dimensões física, social e cultural de seus meio-ambientes ao longo do tempo e de espaço”. (KORMIKIARI, 2015, p.4). Em outras palavras, a paisagem é um espaço ressignificado por vários grupos sociais, que podem atribuir valores diferenciados a um mesmo espaço.

Dessa maneira, interpretamos o “verde” (estrutura vegetal) como uma paisagem construída culturalmente e simbolicamente significada. Assim, podemos dizer que esse espaço é o que o geógrafo americano Carl Sauer (SAUER, 1962 *apud* STRANG, 2008, p.51,) chamou de [...] “palimpsest”—a layered and inscribed

record of human activity in temporal and spatial terms: “We cannot form an idea of landscape except in terms of its time relations as well as its space relations. It is in continuous process of development or of dissolution and replacement” (STRANG, 2008, p.51). Palimpsesto é definido como um [...] “papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2001, p.2111). Esse processo de “dar lugar” a outro ou a outros é o que acontece em todas as paisagens, visto que ela é dinâmica e está em [...] “continuous process of development or dissolution and replacement” [...] (SAUER, 1962 *apud* STRANG, 2008, p.51).

Nesse cenário de cidade, o verde normalmente é excluído dos processos de construção de uma paisagem urbana, figurando como contraste desse cenário. Com isso, em se tratando da análise do verde, há, no início dos anos 1970, uma tendência de cuidado e emergência com o meio ambiente. Isso se refletiu nas disciplinas das ciências humanas, e tratadas aqui particularmente na história e na arqueologia. Subdisciplinas como a história ambiental e a ecoarqueologia se desenvolveram por conta dessa nova forma de pensar.

A história ambiental tem seu bojo de desenvolvimento nos anos 1970, (PÁDUA, 2010, p.82) principalmente nos EUA, inaugurando uma preocupação mais veemente para com a relação entre homem e natureza numa perspectiva de preservação. “A história ambiental configura uma nova forma de estudo das relações entre homem e natureza, considerando o meio ambiente enquanto agente e presente na história da humanidade” (CIPRIANO; MACHADO, 2009, p.5).

A História Ambiental questiona como entendemos a Natureza e propõe sua interpretação como um produto da sua relação com o ser humano.

Ao discorrermos sobre a *natureza*, é comum que pensemos imediatamente na natureza primeira, aquela composta por rios, bosques e florestas. Esta natureza seria aquela que existe independentemente da intervenção transformadora dos seres humanos, através das relações sociais produtivas. No entanto, torna-se significativo mencionar a existência de uma natureza produzida socialmente pelo trabalho humano. Desse modo, defendemos que os homens interagem no “ambiente social”, e produzem um “ambiente construído”, a partir da “natureza física”. Criam, assim, uma “segunda natureza”, fazendo com que a semelhança entre “natureza” e “artefato” seja significativamente minimizada (CIPRIANO; MACHADO, 2009, p.7).

A Eco-arqueologia inspira-se no desenvolvimento da história ambiental e à posteriori, surge como uma nova interpretação da paisagem e das relações entre o

ser humano e a natureza; recorrendo à Costa (2013) que define como eco-arqueologia: “A ecologia estuda as relações no mundo natural, enquanto a arqueologia estuda a construção de mundos artificiais.” (COSTA, 2013, p. 40).

Assim, a eco-arqueologia estuda os impactos causados pelo ser humano no meio ambiente e a interação entre essas duas esferas. Em sua tese de doutorado, Costa (2013) também analisa essa relação, porém através de uma abordagem de poluição do meio ambiente através da ação antrópica. Nessa pesquisa abordamos a relação do ser humano com esse verde, e as mudanças ocorridas nos momentos de chácara e parque.

Essa abordagem se tornou essencial para a pesquisa, visto que as mudanças desse espaço refletem contextos específicos da cidade, os respectivos períodos temporais irão levar a interpretação para uma esfera simbólica, o “*ethos*” urbano, que acabam impressos na materialidade.

Ao analisar os maciços verdes, o pós-processualismo se mostrou como viés oportuno para a pesquisa, pois considera não só o meio ambiente, mas a materialidade como um reflexo cultural, imbuído de carga simbólica, e que podem mudar dependendo do contexto e temporalidade, não podendo ser considerados como estáticos e imutáveis.

While post-processual archaeologists do not reject the importance of material constraints on societies and may even emphasize them, they accept the need to incorporate meaning, values, symbolism. They seek the dialectical processes which link the ideal and the material (HODDER, 1995, p.74).

A arqueologia pós-processual passa a encarar a cultura, também, a partir de um viés simbólico. Esse trabalho está vinculado a uma arqueologia simbólica e crítica, tomando com um importante referencial o trabalho de Mark Leone (LEONE, *apud* ORSER, 1992, p. 77).

A arqueologia crítica geralmente é atrelada ao capitalismo e às diferenças e contradições de uma sociedade (ORSER, 1992). Nessa pesquisa abordamos um momento histórico em que esses temas não podem ser ignorados. A análise desse artigo é, em grande parte, ideológica, inspirada no simbolismo manipulado e na ideologia.

Mark Leone faz uma arqueologia crítica, ao analisar o “Horto de William Paca, uma mansão do século XVIII, em Anápolis, Maryland” (ORSER, 1992, p.77). Leone analisa esse local a partir de um viés simbólico e ideológico. Ele interpreta o espaço,

basicamente formado por duas áreas, uma em que há um plano formal, próximo à mansão, juntamente com um jardim simétrico e bem cuidado. Na outra parcela, mais afastada da casa, há uma área deserta. Para Leone, essa divisão demonstrou mais do que uma simples separação entre jardim e área deserta, essa divisão era intencional e simbólica. “Para Leone, as dualidades controlado/ descontrolado e ordem/ desordem, representadas no horto podem ser relacionadas às contradições de uma sociedade [...] (ORSER, 1992, p. 78).”

Em termos gerais, a metodologia utilizada nesse trabalho teve como base especificamente a utilização de “múltiplas fontes de informação”, ideia defendida por Orser (1992). Essa abordagem inclui o uso de mais de um tipo de fonte de informação, a tornando, muitas vezes, multidisciplinar. As fontes utilizadas nessa pesquisa foram os artefatos, estruturas, documentos, mapas, fotos, arquitetura e análise das paisagens. Sem a junção de todos esses elementos não seriam possíveis as interpretações, as indagações e soluções presentes ao longo da pesquisa. A aplicação desse método se tornou crucial para compormos um quadro geral fidedigno de informações.

Para as análises documentais e iconográficas, aplicamos o que Beaudry (1988) propõe com a chamada “Arqueologia Documental”, o que consiste na análise documental e/ ou iconográfica para a reconstituição de certos aspectos do passado, servindo como ferramenta na interpretação da arqueologia histórica. Acessamos documentos, plantas, mapas e imagens referentes ao período estudado.

Realizamos atividades de campo, e para isso fizemos o levantamento assistemático oportunístico, baseado na técnica do caminhamento. (BANNING, 2002).

A Chácara “Pequery”

Entre o final do século XIX e início do XX a cidade de São Paulo passou por mudanças profundas oriundas da “efervescência da economia cafeeira, com as fazendas interiorizando-se no oeste paulista e reforçando São Paulo como centro de negócios” (PEREIRA, 1994, p.53). Com os lucros provenientes do cultivo do café, São Paulo vai tomando formas de “cidade grande”, dando espaço às “construções de tijolos”, realizando a efetiva implementação de obras de infraestrutura, como

“redes de distribuição de água, de captação de esgotos, de iluminação a gás e de transportes coletivos” (PEREIRA, 1994, p.53).

Esse momento de significativa evolução da cidade de São Paulo refletirá em outras áreas como a indústria e também a imigração. “A cidade vai se transformar graças à intensificação da imigração estrangeira, o desenvolvimento das indústrias e a acumulação das fortunas provenientes do desenvolvimento da cultura do café no interior do estado” (CANABRAVA, 1953, p.98). Todos esses avanços possibilitaram a expansão urbana, transformando São Paulo em uma “terra de oportunidades”. Em meio a essas notícias de prosperidade vindas do Brasil, Francesco Antonio Maria Matarazzo chega ao Brasil em 1881.

Natural de Castellabate, Itália, se estabelece inicialmente em Sorocaba, interior de São Paulo, trabalhando como mascate, tornando-se bem sucedido, quando se mudou para São Paulo, onde inicia de fato sua expansão no comércio. Com a venda e produção de itens variados, Matarazzo ganhou notoriedade no mercado brasileiro, expandindo os negócios e diversificando sua produção (ALMEIDA, 1976). Fundou as Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo (IRFM), em 1891, que marcaram o início do sucesso do que mais tarde ficou conhecido como “império industrial” (COUTO, 2004). Matarazzo conquista a posição de um dos homens mais ricos do Brasil e o quinto mais rico do mundo, dono de 365 empresas. Torna-se uma figura de referência no avanço industrial e fabril paulista. Matarazzo faleceu em 1937, aos 83 anos de idade, deixando uma fortuna avaliada hoje em US\$10 bilhões.

Como dito anteriormente, há um processo de crescimento intenso da cidade, fazendo com que a expansão urbana também seja percebida em bairros periféricos como o Tatuapé, que começou a se industrializar a partir de 1930, assim como toda São Paulo. É nesse período de expansão urbana que a chácara, juntamente com olarias e um porto de areia, localizadas às margens do Rio Tietê, no bairro Tatuapé, em São Paulo, que a antiga “Chácara do Pequery” ou “Chácara Tatuapé” foi adquirida pelo conde Francisco Matarazzo.

Em 1927, o Conde Francisco Matarazzo, imigrante italiano detentor de uma das maiores fortunas do Brasil nas primeiras décadas do século XX e de um complexo industrial com ramificações por todo o Brasil, comprou uma área situada às margens do Tietê, entre as ruas Santa Virgínia, Ururai e Tuiuti, junto ao Porto Piqueri, um dos maiores portos de areia do Tietê. O grande movimento de caminhões

das IRFM, que ali se abasteciam de tijolos e areias para o Setor de Construções da empresa, fez com que o local ficasse conhecido como “Porto do Matarazzo” (PREFEITURA, 2007, p. 102).

Canabrava (1953) desenvolveu um trabalho quase que pioneiro em relação às chácaras Paulistanas, atenta a “evolução que sofreram os tipos de propriedade chamados chacara”, ela compreende esse tipo de propriedade como uma forma de representar uma “evolução urbana” (CANABRAVA, 1953, p.98). Em sua pesquisa ela aborda as transformações desse tipo de propriedade em recorte temporal entre 1885 a 1890. Ela define e estabelece parâmetros sobre as funções das chácaras ditas “tradicionais”, através da análise de anúncios de venda em jornais da época. Uma das características mais marcantes dessas chácaras, “[...] na aurora do período republicano, é que ela serve habitualmente como residência da família, propriamente da família aristocrática paulista e, em geral, da família de recursos” [...] (CANABRAVA, 1953, p.98).

As antigas chácaras de bairros aristocráticos como os Campos Elísios, Vila Buarque e Higienópolis normalmente se enquadravam nesse padrão, caracterizando-se como propriedades com a presença de:

uma ou outra grande área de terreno fechado, ostentando uma residência senhorial de construção antiga, um jardim de frente, a grade e o portão de ferro, e no fundo, grandes árvores frondosas de sombra e de fruta (CANABRAVA, 1953, p. 97).

Por outro lado, ela reconhece que a denominação de chacara estaria sendo aplicada a outro tipo de propriedade com uma configuração muito diferente. Essas propriedades estariam próximas aos ribeirões Aricanduva e Tatuapé, se caracterizando pela intensa exploração do solo por meio da cultura de legumes, verduras, flores e frutas. Essas estruturas normalmente estavam associadas a uma casa pobre e despreziosa, contrastando com as propriedades luxuosas do centro urbano (CANABRAVA, 1953).

Com o avanço da urbanização e a com a valorização dos terrenos, as chácaras passam a ocupar terrenos mais baixos e alagadiços, com o atrativo de menores preços e a possibilidade de produção, por conta das terras férteis de várzeas (CANABRAVA, 1953). As chácaras passam a figurar como propriedades existentes em praticamente todos os bairros da capital (e também fora dela), apresentando funções diferentes das antigas chácaras tradicionais, como por

exemplo, o cultivo de verduras, hortaliças ou flores, buscando sempre o máximo de rendimento do terreno e na sobrevivência do agricultor.

O momento de chácara engloba o período entre 1927 a 1971 (PREFEITURA..., 2007), e constitui um marco importante na história do Tatuapé. A partir de um mapa intitulado “Chácara do Pequery- Propriedade do Snr. Conde Francisco Matarazzo”, datado de 28 de agosto de 1932 (Figura 1), encontrado na atual administração do parque. Com as informações contidas nesse mapa foi possível construir uma imagem muito mais completa em relação à função e ao uso desse espaço, demonstrando suas especificidades, assim os como elementos construtivos, servindo como um referencial da paisagem construída.

A chácara contava com uma mansão assobradada, casa do caseiro, garagem, escritório, depósito, porto, estufa, pomar, pérgolas, bosque, floricultura, quadra de tênis, hípica com campos de obstáculo, cocheiras, lago, áreas com capins diversos, pomares frutíferos, além de diversos animais como búfalos, perus da toscana, cabras da patagônia, cavalos, vacas, entre outros. Além disso, um trecho do rio Tietê, o ribeirão Tatuapé, banhava parte da propriedade. (PREFEITURA...2007, p. 102).

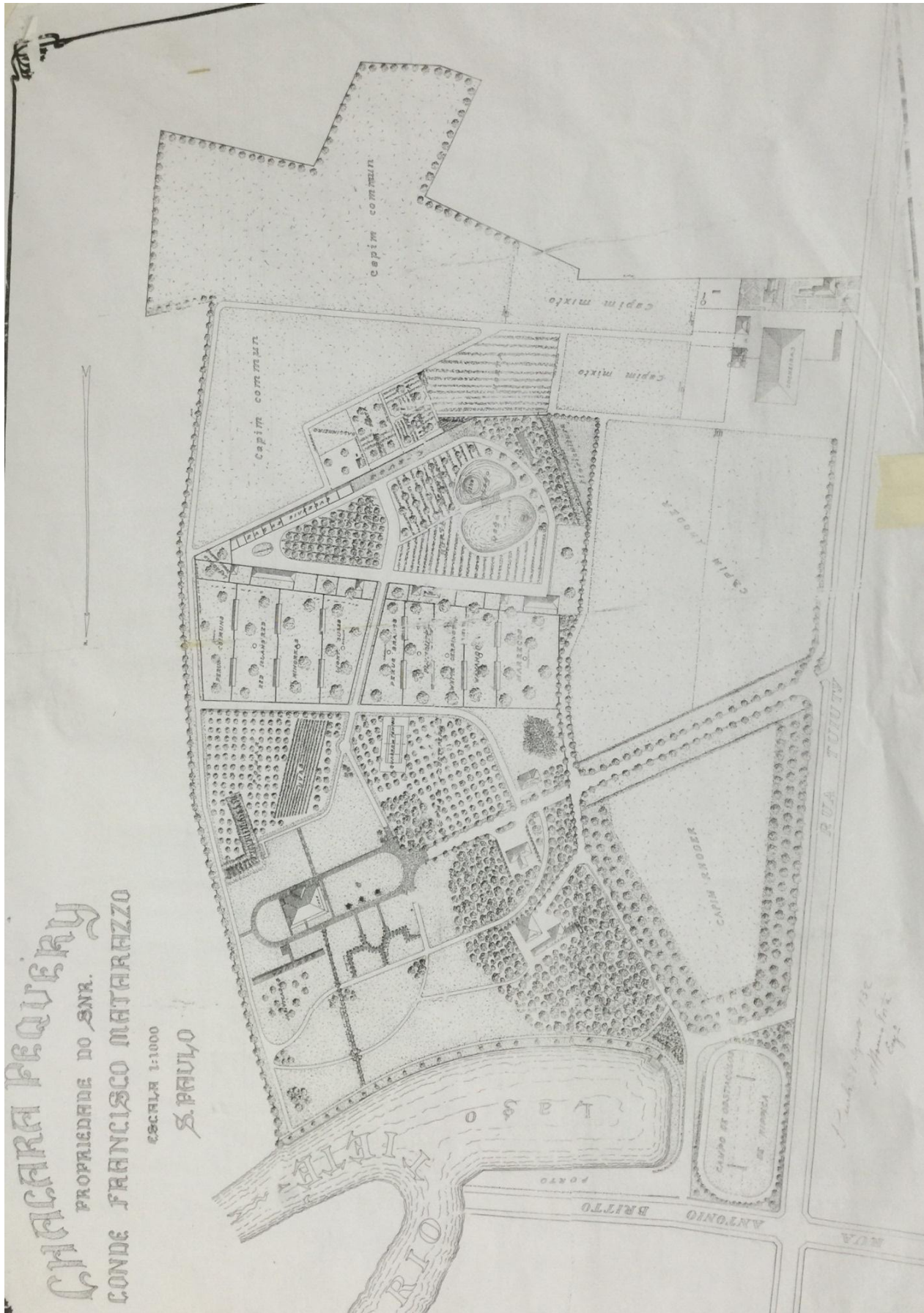


Figura 1- Mapa da Chácara do Pequery, São Paulo, 1932. Foto: Giuliana Jubilut, 2016.

A “Chácara do Pequery” possuía muitas das características apresentadas por Canabrava em seus estudos sobre as chácaras paulistas, assim como a residência da família, as árvores de sombra e de fruta e os jardins. Contudo, a chácara do Piqueri ocorre na primeira metade do século XX, e em um contexto em que a cidade de São Paulo estava em processo de industrialização.

Análise Qualitativa e Quantitativa do Verde

A análise efetuada considerou o mapa e sua respectiva temporalidade. Em termos gerais, podemos afirmar que a Chácara mesclava o princípio do lazer burguês e elitista, com o fato de ter sido uma estrutura de produção e de racionalidade capitalista. Em termos de análise quantitativa e qualitativa, podemos afirmar que o verde da chácara era produtivo, e limitadamente contemplativo, sendo boa parte da vegetação composta por um verde planejado, com espécies selecionadas que visava à produção. Em relação às porcentagens³, a área produtiva verde totalizava 46,8%, aqui considerados como a soma das áreas de capins (36,2%), das hortas (4,09%) e dos pomares (5,74%), além das parreiras (0,52%) e das jabuticabeiras (0,25%). No mapa podemos perceber isso claramente, onde havia toda uma estrutura de verde de caráter produtivo, que era composta por duas áreas de capim rhoder, duas de capim misto, e duas de capim comum. Além disso, havia seis áreas de horta espalhadas em cantos específicos e três áreas de pomar frutífero.

Os capins ocupavam uma área total de 36,2%, e mesmo que os capins de rhoder (16,05%) fossem destinados à alimentação de equinos (MARQUES, 2003), figura comumente associada ao lazer burguês e, portanto considerado como “elemento estético”, a área destinada à pastagem era significativa em relação ao restante do terreno. Apesar dessa associação burguesa, ainda podemos afirmar que o capim estava atuando como estrutura produtiva de manutenção de outros animais.

Os pomares somavam cinco áreas, além das parreiras e das jabuticabeiras, totalizando 5,74% da área da chácara. As frutas provavelmente eram aproveitadas no consumo da casa, e possivelmente também para os funcionários. Essa não seria

³ A metodologia aplicada para chegarmos às porcentagens utilizou-se do programa Inkscape para obter a área total do mapa da “chácara do pequery”, o resultado foi de 1994 cm², considerados como 100% da área. Para as demais estruturas, consideramos a área como y, e sua respectiva porcentagem como x, resultando na fórmula: $x = y/19,94$, aplicada para o resultado final.

uma cobertura vegetal que possuía a única função de agradar esteticamente, ainda que pudesse representar um status social de mesa farta e diversificada, havia um aproveitamento produtivo dos pomares.

As hortas ocupavam seis espaços ao longo da chácara, totalizando 4,09% e estavam atuando similarmente aos pomares frutíferos em um possível abastecimento para a casa sede e também para os funcionários, resultando em uma estrutura produtiva.

Além das estruturas verdes produtivas, a chácara contava com outros elementos que reforçavam tanto o lado capitalista de produção, quanto os elementos contemplativos que faziam alusão à um estilo de vida burguês. Percebemos que grande parte da área frontal (de entrada) reservada aos equinos, representada pelo campo de obstáculo de hípica, ocupava 2,7% do terreno, as cocheiras abrangiam 0,55% da área e as possíveis casas e áreas adjacentes destinadas aos tratadores dos cavalos, correspondiam a 0,84%. A área construída (não verde) destinada a esse animal totalizava uma porcentagem de 4,09% do terreno, as quais somadas aos 16,05% do Capim de rhoder, resultavam em 20,14% da área total destinadas especificamente aos equinos e ao hipismo, esporte fortemente associado às elites. Essa porcentagem era muito representativa em termos de espaço, demonstrando a importância do simbolismo desse animal para Matarazzo e para a sociedade que estava inserido. Contudo, apesar dos equinos terem atenção especial, o capim de rhoder podia ser considerado como um elemento produtivo na manutenção desses animais.

Além disso, existiam outras estruturas que geralmente estão relacionadas a um racionalismo produtivo capitalista, assim como o escritório, ocupando 0,08% e o depósito 0,07%.

Por outro lado, existia outra arquitetura vegetal que está sendo interpretada como contemplativa, e ocupava apenas 5,49% do terreno, considerados basicamente como a soma das áreas do bosque (4,3%), da pérgola (0,11%), das roseiras (0,30%), da estufa (0,13%) e da floricultura (0,65%). O bosque era o espaço com maior representatividade entre as áreas do verde contemplativo, apresentava uma área mais fechada, com vegetação estruturada e representava um contexto paisagístico que buscava reproduzir uma estrutura vegetal mais natural e não

dominada. A pérgola se caracterizava como um espaço edificado com a inclusão de verde, e servia para dar suporte a trepadeiras, utilizadas para passeio ou abrigo. Essa estrutura visava gerar bem estar em um ambiente deleitoso.

As roseiras estariam atestando a importância dessa flor como um elemento nobre, aristocrático e feminino, criando uma influência visual e olfativa agradáveis. As presenças da estufa e da floricultura se articulavam enquanto estruturas simbólicas que representavam o domínio da prática da jardinagem e do cultivo das flores. A presença dessas duas construções, mesmo que pequenas em termos de porcentagem (0,78%) reforçavam sua intencionalidade nesse espaço.

Assim, é possível notar uma grande diferença entre essas coberturas vegetais, acompanhadas de suas respectivas funções, revelando uma clara divisão entre as estruturas vegetais contemplativas e produtivas nesse espaço.

Análise interpretativa da disposição espacial da Chácara

Tomando como base a casa sede da então Chácara como estrutura referencial da propriedade, elaboramos uma análise interpretativa da organização espacial dessas duas tipologias de verde, expostas a seguir, na busca de conferir uma maior significância em termos simbólicos à Chácara do Piqueri.

Seguindo as propostas de interpretação ideológica do verde arquitetura vegetal como simbólica, como Mark Leone faz para o jardim de William Paca, a análise da distribuição espacial nos permite tecer algumas considerações que entendemos ser extremamente importantes.

De todos os elementos vegetais expostos acima, estavam imediatamente relacionados à casa: as roseiras, a estufa, as jabuticabeiras, o pomar e a quadra de tênis. A frente da casa era dominada pelo pomar e pelas parreiras, essas estruturas ainda que evidenciassem o verde capitalista, eram expressões agradáveis aos sentidos, assim como a cor e o aroma das frutas causando um impacto visual e olfativo positivos. Já as parreiras poderiam ser relacionadas também a um elo identitário cultural entre o proprietário e sua terra natal.

Numa análise simbólica, a visão frontal da casa estava sendo dominada por elementos produtivos, poderia estar relacionada, dentro do padrão hierárquico de

uma sociedade patriarcal, ao elemento masculino e, portanto predominantes na perspectiva da residência. Essa relação (entre o masculino e as áreas produtivas) pode ser observada nos de registros imagéticos (vide Figuras 2 e 3) retratando a sociabilidade do Conde justamente nos espaços produtivos. Essa característica masculina verificada através da perspectiva de domínio e controle sobre o verde e da produção capitalista, estava personalizado na figura do homem, (representada aqui pelo Conde), sendo o chefe de família e demonstrado na parte de maior destaque, a área frontal.

Por outro lado, na parte norte e posterior à residência, encontrava-se o espaço do verde contemplativo, ornado por alamedas de roseiras, estufa e jabuticabeiras. As roseiras formavam um cinturão olfativo vegetal ao redor da casa e as jabuticabeiras, enquadradas com a percepção olfativa agradável e visualmente bela. Os espaços acima mencionados sugeriam um local de recolhimento e de discrição, articulado por elementos relacionados ao belo e ao delicado; (características apreciadas nas mulheres dentro da sociedade patriarcal do período), configurando-se assim, como um espaço feminino. Assim como no jardim dominado de William Paca, esses elementos da elite faziam parte da própria estrutura da arquitetura burguesa da casa. Uma das maiores críticas ao trabalho de Leone dizia respeito à falta de registros que comprovassem sua interpretação, o que não acontece aqui na chácara.

O Lago, a Pérgola e o Bosque localizavam-se ao Sul da residência, e mesmo que estivessem um pouco distantes, relacionavam-se com a parte lateral e posterior da mesma. O Bosque era uma estrutura vegetal, com abordagem produtiva, emulando um verde mais nativo. Vale salientar que a Arquitetura verde do Bosque era cercada por estruturas tipicamente capitalistas (escritório e depósito), provavelmente limitantes à visão da casa, pela parede vegetal (bosque).

Já na parte da entrada da chácara, se observavam grandes áreas de capim específico para equinos, juntamente com o campo de obstáculo de hípica (à esquerda, vide Figura 1), e aos espaços destinados às cocheiras e as casas dos tratadores desses animais, à direita da entrada (vide Figura 1). Quem adentrava a propriedade estava sendo recepcionado por uma mensagem simbólica do pasto produtivo e da figura do equino e do esporte de elite associado a ele, o hipismo.

Seguindo a alameda central, ao sul, se observava a parte mais produtiva da chácara, reservada aos pomares, às criações de animais, às hortas e à casa do caseiro. Notamos que a casa era exatamente precedida pelo pomar, pelas parreiras e pela quadra de tênis, que criava uma proteção natural aos prováveis odores provenientes dessas áreas e de seus respectivos processos naturais.

Todos os elementos demonstravam a preocupação com a estética visual e olfativa, promovendo a sensação de "limpo e agradável", nas áreas próximas a residência. A distribuição espacial da chácara representava uma intenção simbólica, afirmando o status e poder social; isso pode ser afirmado pelas visitas de personalidades brasileiras e estrangeiras à chácara do Piqueri. Assis Chateaubriand, um dos maiores expoentes do jornalismo brasileiro da época, visitou a chácara em pelo menos duas oportunidades, devidamente registradas na revista "O Cruzeiro", uma em 1934 e outra em 1935 (Figura 2).

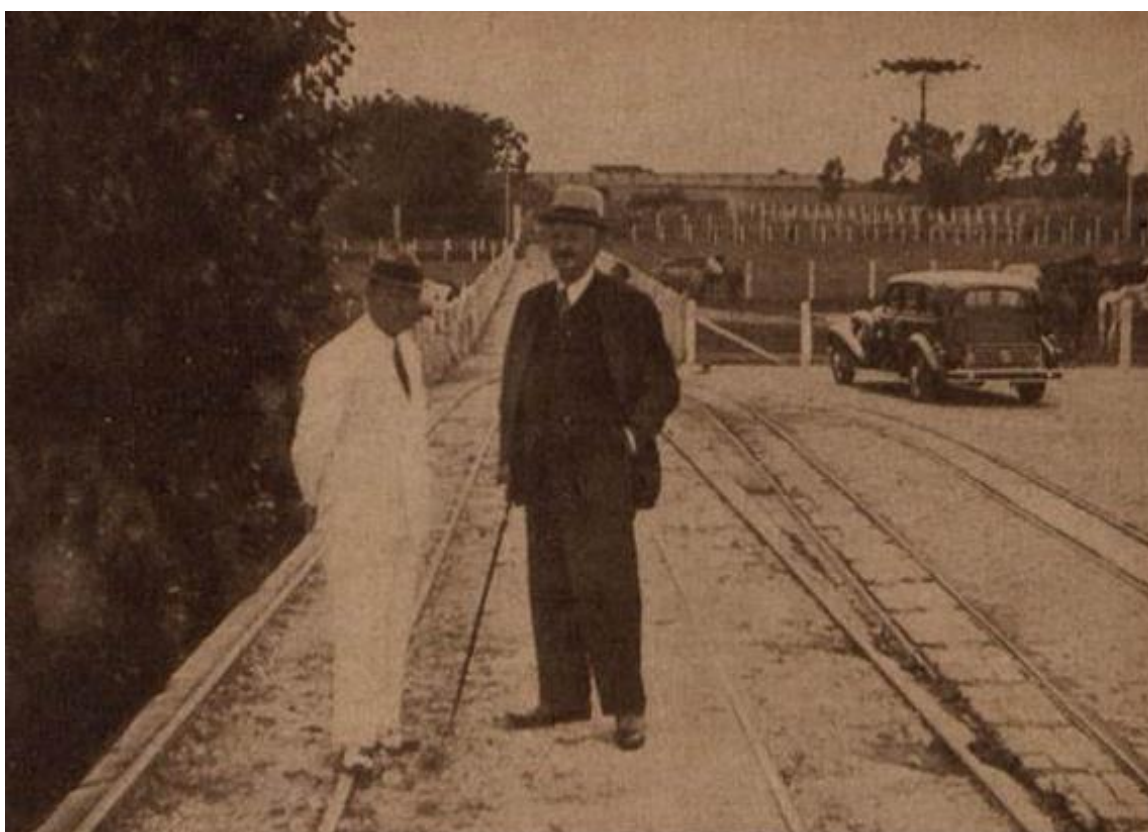


Figura 2- Assis Chateaubriand e Conde Matarazzo entre os trilhos que dão acesso ao Porto Matarazzo no rio Tietê, 1935 Revista "O Cruzeiro", Acervo Everton Calício.

Da mesma forma, personalidades da comunidade italiana como o cônsul e o príncipe também foram trazidos à chácara.



Figura 3- Em frente à casa sede da Chácara do Piqueri, o Conde Francisco Matarazzo, ao centro, recepciona o príncipe e o cônsul italianos, 1936 (“Tatuapé Memória” apud PREFEITURA...2007).

A chácara significava, através desses simbolismos e ideologias, o capital político e a afirmação de status e posição social na elite paulistana do Matarazzo. Os elementos materiais estavam expressos nas estruturas vegetais e no seu controle vegetal.

Como dito anteriormente, o período de chácara vai até o ano de 1970. Devido ao avanço da industrialização no Brasil e o aumento da concorrência, as IRFM perdem força no mercado, dando abertura para dívidas, agravadas por desentendimentos dentro da família Matarazzo. Em 1970, [...] “o Conde Francisco Matarazzo Júnior vende parte da chácara para a Cooperativa de Laticínios do Estado de São Paulo (CCL), cujo nome comercial é Leite Paulista” (PREFEITURA... 2007, p.110). A área incluía a chácara de moradia e lazer e outros terrenos. A CCL pretendia instalar uma usina no local, mas o projeto não foi aprovado pela prefeitura. Em 1970, a propriedade é vendida, desapropriada e posteriormente declarada de

utilidade pública pela Prefeitura através do “Decreto 9.251, de 13 de janeiro de 1971” (PREFEITURA..., 2007, p.110).

O Parque do Piqueri: Oásis Urbano

Atualmente o Piqueri toma forma de Parque urbano, em um contexto de mundo extremamente globalizado, marcado pela escassez de áreas verdes e como um dos poucos pontos de concentração vegetal restantes da zona Leste da capital.

O segundo momento de análise desse espaço diz respeito ao processo de transformação da “Chácara do Pequery” no “Parque do Piqueri”. Esse espaço enquanto parque está inserido dentro de uma profunda transformação da sociedade que tem início na década de 1960 e 1970, com a emergente preocupação com o meio ambiente, pareadas com o nascimento de teorias ecológicas, as ditas “teorias verdes”.

A recuperação desse último maciço verde da região aponta para um crescente movimento global de preocupação com o meio ambiente, marcado pelo despertar de uma consciência preservacionista. Segundo o historiador ambiental José Augusto Pádua:

A emergência de um "ambientalismo complexo e multissetorial" a partir da década de 1970, dotado de alto perfil na cena pública global, representou um dos fenômenos sociológicos mais significativos da história contemporânea (PÁDUA, 2010, p.82).

Nesse período há uma mudança de consciência global que transforma as concepções sobre a natureza, sobre a conservação das áreas verdes, e dos recursos não renováveis do planeta, instalando o que poderíamos chamar de um novo *ethos* ambiental. Esse fenômeno de conscientização torna-se cerne de inúmeras discussões do mundo contemporâneo (PÁDUA, 2010), culminando em encontros do clima e reuniões internacionais de caráter global, como “A conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, de 1972, mais conhecida como conferência de Estocolmo, se tornando a primeira grande reunião organizada pelas Nações Unidas” (LAGO, 2006, p.17) sobre o tema.

Como dito anteriormente, essa “tendência” global também se refletiu na trajetória histórica do parque, com a recuperação de maciços verdes por parte da prefeitura de São Paulo nos anos 1970, e o parque do Piqueri fez parte desse processo.

No período de transição entre a declaração de utilidade pública e a posterior instalação do parque, ocorre no intervalo de sete anos, grande depredação vegetal com dois terços da chácara desmatados, restando apenas duas mil unidades de árvores (O ESTADO DE SÃO PAULO...1976). Esse desmatamento ocorrido na área gerou revolta e preocupação por parte da população local, que atuou, inserida nesse novo ethos ambiental, no sentido de garantir a preservação desse verde.

A população juntamente com o apoio de alguns vereadores pressionou a prefeitura para que medidas fossem tomadas para reparar o dano ali ocorrido, como consta no jornal “O Estado de São Paulo”, do dia 23 de outubro de 1976, e estampa em sua edição o problema:

Os leitores devem estar lembrados da campanha desenvolvida por esta folha, quando, entre outras áreas verdes, a Chácara do Piqueri esteve ameaçada de retalhamento. Na verdade, graças às posições tomadas por alguns poucos vereadores e deputados, uns e outros prestigiados pela imprensa, a Prefeitura não abandonou a luta pela aquisição da última reserva da Zona Leste (O Estado de São Paulo...1976).

Sendo assim, a prefeitura adquire o terreno em 1976, e após reestruturações físicas, juntamente com o reflorestamento da área, o Parque do Piqueri é entregue ao público em 16 de abril de 1978 (O ESTADO DE SÃO PAULO... 1978). A partir de então, o Parque do Piqueri se estabelece como oásis urbano e um dos últimos remanescentes de verde da zona Leste da Capital (O ESTADO DE SÃO PAULO... 1976).

Após o estabelecimento do parque, houve um processo de adensamento na proposta de urbanização ao redor dessa área verde. Isto torna-se um forte argumento econômico, deferido pela proximidade com essa nova forma de pensar e de se relacionar com a natureza. Esse novo “ethos” vigente entende a natureza como algo a ser preservado e neste caso, também como estrutura de lazer.

Alvo de intensa especulação imobiliária nos anos 2000, o Parque acabou rodeado de inúmeros empreendimentos residenciais e tornou-se um ponto referencial e atrativo para a comunidade do bairro pela proximidade com a natureza e o bem estar proporcionado por ela. O Parque chegou a ser considerado como o “Ibirapuera da zona Leste” (O ESTADO DE SÃO PAULO...2008).

Essa intensa aproximação entre as construções e o Parque despertaram preocupações para com a fauna e a flora do Piqueri, como podemos ver:

[...] o mais novo lançamento da rua Tuiuti chamou a atenção de ambientalistas e vereadores. O Jardins d' Espanha, da Incorporadora Suzano Empreendimentos tem como grande apelo ser vizinho do Parque do Piqueri.[...] O aumento do trânsito, do barulho e da poluição trazidos pelos edifícios prejudicam a biodiversidade local. [...](O ESTADO DE SÃO PAULO...2007).

Essas preocupações culminam na abertura do processo de tombamento do Parque em 2007. Apenas em setembro de 2017 o Parque do Piqueri é tombado pelo município pela resolução nº 25 (PREFEITURA... 2017, p.39).

Muito diferente do momento anterior em formato de chácara, onde o teor do verde era basicamente produtivo, passamos para uma estrutura de parque urbano, onde a diversidade e o volume vegetal são muito valorizados. O verde, antes cultivado para um aproveitamento capitalista na chácara, no Parque do Piqueri passa a ser contemplativo e de preservação de espécies vegetais. Esse verde tem a intenção de emular um ambiente natural, que é uma característica da preservação. No atual momento, o racionalismo por trás do *ethos* é a diversidade, para garantir a pluralidade de espécies. O parque está sendo aproveitado enquanto espaço de lazer, de observação, e de vivência com a natureza.

Essa mudança pode ser claramente percebida numa comparação de cartografias históricas da área. Na ortofoto de 1954, produzida pela VASP-Cruzeiro. Optamos por trabalhar com duas imagens apenas, uma ainda do período da chácara e outra contemporânea, onde o parque já está estabelecido. Ao longo dos anos essa paisagem passou por algumas mudanças em relação ao adensamento da área com recobrimento vegetal, tornando-se mais densa e mais volumosa ao longo dos anos, culminando na configuração atual.

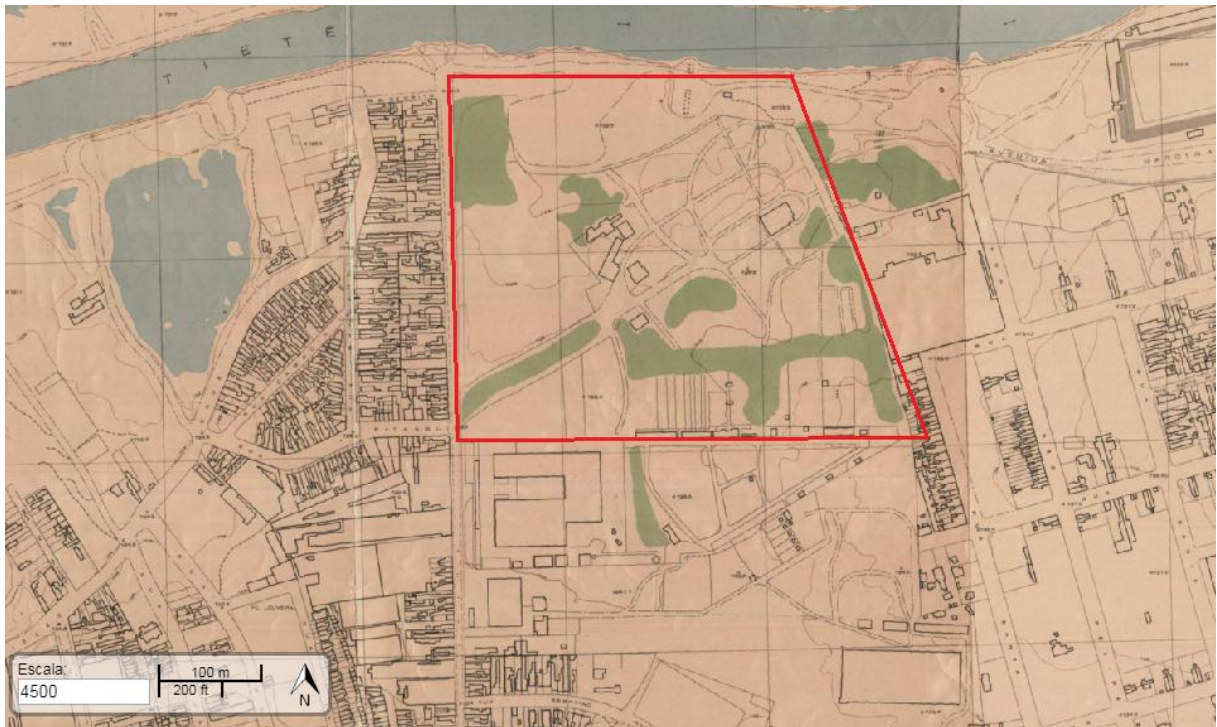


Figura 4- Representação da cobertura vegetal na Chácara do Piqueri (em verde). Contornada a área do atual Parque. 1954, VASP Cruzeiro (modificado). Fonte: Geosampa, 2018.

Nesta imagem, ainda enquanto chácara, percebemos muito espaços sem cobertura vegetal, estando delimitados em manchas específicas.



Figura 5- Foto aérea do Parque do Piqueri, 2018. Fonte: Google Maps, 2018.

Ao longo dos anos essa paisagem passou por algumas mudanças em relação ao recobrimento vegetal, tornando-se mais densa e volumosa, culminando na sua atual configuração.

Essa alteração de perspectiva ambiental e a forma diferenciada de valorização desse espaço verde demonstra uma profunda alteração no *ethos* social relativas à vida urbana, na qual percebe-se na valorização da natureza e preocupação com o meio ambiente, demonstradas pelo aumento da cobertura e volume vegetais do Parque. Além disso, nota-se uma mudança com relação à tipologia e arquitetura vegetais presentes, onde considerável parte das espécies existente objetiva a criação de áreas destinadas à sombra e à circulação, necessárias ao Parque.

Isso pode ser demonstrado por um levantamento das espécies vegetais do parque, realizado em 1988 pela revista "Conheça o Verde", que indicava a presença de pelo menos 43 espécies de árvores, dentre as quais nativas e exóticas com floração, e em sua maioria, possuem em torno de no mínimo, 10 metros de altura (CONHEÇA O VERDE, 1988).

Essa arquitetura vegetal tem a intenção de produzir um local agradável e arejado, evitando ao máximo a sensação de pouco espaço comum a pomares produtivos, como na antiga chácara do Piqueri. O Parque em si não é considerado um ambiente natural de preservação. Ele também pode ser entendido como um ambiente arquitetonicamente pensado como forma de lazer. Existe uma clara intenção em emular a sensação de ambiente natural, que também foi criteriosamente formulado.

Considerações Finais

Como pudemos ver, esses dois momentos tratados comparativamente indicam uma profunda mudança no ethos urbano de São Paulo. Na primeira análise, enquanto “Chácara do Pequery”, temos um ethos verde voltado para a produção, com um aproveitamento racional juntamente à um espaço contemplativo fortemente controlado e com estéticas pré-definidas. Na segunda análise, como Parque urbano, o verde figura como contemplativo e preservacionista, que busca a emulação de um ambiente natural, valorizando a multiplicidade de espécies, o volume e a arquitetura vegetal de sombreamento e passeio, possibilitando vivências e uma relação de lazer.

Através da análise iconográfica e documental pudemos perceber a importância do uso das múltiplas fontes de informação na construção dessa paisagem. Esse espaço foi reflexo de contextos mais abrangentes, formatados pelos diferentes ethos urbanos em voga. O Parque do Piqueri é hoje um oásis urbano, preservado e tombado pelo município, e é um importante patrimônio de São Paulo e do bairro do Tatuapé.

Esse estudo demonstrou como a relação do espaço construído, e, portanto artificial mudou ao longo do tempo nessa sociedade urbana, mas que se manteve enquanto escolha significativa e simbolicamente estruturada. Não podemos acreditar na falácia do parque enquanto ambiente natural, a construção desse espaço tem tanta intencionalidade de arquitetura vegetal quanto a antiga chácara do Piqueri. Nós não estamos diante de uma oposição entre o mundo natural e artificial, mas sim em como o valor urbano (*ethos*) se apropria do natural e o utiliza como linguagem simbólica em dois momentos distintos da capital. A análise do verde como

materialidade se mostrou uma rica ferramenta na compreensão desse espaço e na construção do *ethos* urbano de São Paulo.

“FROM FARMSTEAD TO PARK: ECO-ARCHAEOLOGY AT PIQUERI PARK”

Abstract: The object of this research is the Piqueri Park, located in the City of Sao Paulo, Tatuapé. The Park erstwhile was “Farmstead Piqueri”, a semirural property, bought by The Earl Francisco Matarazzo in the decade of 1927, which basically had two main roles: Familiar Farmstead and Production. The Park itself became a great green Oasis and a reference of wellbeing as well as a refuge surrounded by urban concrete. Thereby, in this article, we discuss about urban farmsteads and its evolution in the city of Sao Paulo, culminating in the current Park space, analyzing its contemporary situation. Therefore, we approach these spaces with the perspectives of Eco Archeology, proposing an interpretation of two different moments, through the analysis of green structure, combined with several material elements, considering the relevance between green and urban growth, development, city transformations and advancement of urbanity.

Keywords: Urban Archaeology. Ecoarchaeology. Farmstead.

Referências Bibliográficas

ABARCA, Pedro. Tatuapé: Uma História Fascinante. São Paulo: Rumo, 1994.

ALMEIDA, Fernando. O Franciscano Ciccillo. São Paulo, Pioneira, 1976.

BANNING, Edward. Archaeological Survey. New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers, 2002.

BEAUDRY, Mary. Word for things: linguistic analysis of probate inventories. In: BEAUDRY, Mary C. (Ed.). *Documentary archaeology in the New World*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 43-50, 1988.

BUENO, Beatriz. Projetos urbanos e formação da cidade oitocentista. Índices de urbanização e urbanidade em perspectiva histórica, São Paulo, 1798-1930. *Revista Paranoá*, Brasília, nº 13, p. 73-81, 2014.

CANABRAVA, Alice. As Chácaras Paulistanas. *Anais da Associação de Geógrafos Brasileiros*, vol IV, Tomo I. São Paulo, p.97-104,1953.

CIPRIANO, Diego; MACHADO, Carlos. O estudo da natureza da/na cidade: algumas contribuições da história ambiental. *Revista eletrônica do Mestrado em Educação*, Rio Grande do Sul, v.23, jul-dez, pg. 1-5, 2009.

CONHEÇA O VERDE. Prefeitura do município de São Paulo e Centro de Pesquisas de História Natural. nº 14, mai. 1988.

COSTA, Diogo. Ecoarqueologia Histórica nas Lavras do Abade: patrimônio cultural e natural, *Revista de Antropologia Amazônica*, Pará, v. 5, n. 1, p. 38-53, 2013.

DEVASTAÇÃO da Chácara do Piqueri. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 out. 1976.

DOMINGO, mais uma área de lazer na Capital: o Parque do Piqueri. *O Diário Popular*, São Paulo, 12 abr. 1978.

ETHOS. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª Edição. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.p. 1271.

FUNARI, Pedro. Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica. *Mneme-revista de humanidades*. V. 06, n 13, p. 1-5, dez.2004/ jan. 2005.

HODDER, Ian. *Theory and Practice in Arcaheology*. New York: Routledge, 1995.

KORMIKIARI, Maria. Arqueologia da Paisagem. *Labeca*, São Paulo, p. 1-19, jan. 2015. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/publication/277665375>>. Acesso em: 25/05/2018.

LAGO, André. Estocolmo, Rio, Joanesburgo: O Brasil e as Três Conferências Ambientais Das Nações Unidas. Brasília, *Instituto Rio Branco*, Brasília, p. 17-18, 2006.

MARQUES, Dorcimar. Criação de Bovinos. 7ª ed. Belo Horizonte: Consultoria Veterinária e Publicações, 2003.

NOVA área verde só tem 2 mil árvores. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 set. 1976.

ORSER, CHARLES. *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PÁDUA, José. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, jan. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10468/12202>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

PALIMPESESTO. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª Edição. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.p.2111.

PEREIRA, Paulo. A modernização de São Paulo no final do século XIX: da demolição da cidade de taipa à sua reconstrução com tijolos. *Habitação de cidades Fausp-Fapesp*, São Paulo, p. 53 -66, 1998.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Município Histórico. Processo de tombamento nº 2007-0294974-0, p. 95-239, 2007.

_____. Secretaria Municipal de Cultura, Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo-CONPRESP. Resolução nº 25, CONPRESP, p. 36-39, 2017.

PREFEITURA recebe Piqueri e promete novo centro de lazer. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 set.1976.

SOUZA, Bárbara. Empreendedores descobrem o Ibirapuera da zona Leste. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 jan. 2008.

SOUZA, Rafael. Arqueologia na Metrópole Paulistana. *Habitus*, Goiânia, v. 12, nº. 1, p.23-44, jan./jun.2014.

STASKY, Edward. Advances in urban archaeology. In: SCHIFFER, Michael. (Ed.) *Advances in Archeological Method and Theory*. Academic Press, p. 97-149,1982.

_____. Urban archaeology. In: Orser, Charles. (Org.) *Encyclopedia of historical archaeology*. London/N.York: Routledge, , 2002, p.546-549.

STRANG, Veronica. Uncommom Ground: Landscape as social geography. In: DAVIS, Bruno; THOMAS, Julian (Ed). *Handbook of Landscape Archaeology*. London/New York: Routledge, 2008, p.51-59.

WINIWATER, Verena. Abordagens sobre a História Ambiental: Um guia de campo para os seus conceitos. *Abordagens Geográficas*, Rio de Janeiro, v.1, n°1, p. 1-21, out-nov, 2010.

Sites Consultados

MAPA DIGITAL DA CIDADE DE SÃO PAULO. GeoSampa. Disponível em: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

Google maps. Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/@-23.5289457,-46.5743344,685m/data=!3m1!1e3> >. Acesso em 10 de setembro de 2018.